

Caros conselheiros,
Caros colegas e pessoal não docente,
Caros alunos,
Estimados convidados,
Caro Mateus

Não é segredo para ninguém que a esmagadora maioria dos professores e dos demais profissionais da educação não se revê no modelo de gestão imposto pelo Decreto-Lei nº 75/2008, o qual eliminou a eleição universal e directa do órgão executivo das escolas.

E no entanto, é justamente esse Decreto-Lei que aqui nos traz hoje...

Diria, porém, que só formalmente o faz. E digo-o, porque acredito que aquilo que aqui traz hoje a comunidade educativa do Agrupamento de Escolas Romeu Correia não é a figura formal do Director; o que aqui nos traz hoje é, acima de tudo, a pessoa do Prof. António Mateus.

Ao longo dos vários anos da sua experiência de gestão, conjuntamente com as suas equipas, o Director agora reconduzido tem sabido manter, dentro dos constrangimentos legais, alguma da essência mais positiva do anterior modelo de gestão.

Entre outros, terá sido também esse aspecto que levou o Conselho Geral a deliberar pela recondução do Director, acreditando estar assim a ir ao encontro do sentir da comunidade educativa.

Como muitos de nós aprendemos na escola, Platão defendeu que o governo da *polis* deveria caber aos filósofos, por serem eles quem procura o bem por si mesmo.

Mas, justamente, Platão era contra a democracia...

Por isso mesmo, permitam-me, antes, que cite Aristóteles, o filósofo responsável pela introdução de um conceito tão invocado hoje em dia, quanto mal compreendido – o conceito de excelência.

O conceito que traduzimos por “Excelência” deriva da palavra grega *Arete*, que significa simultaneamente “virtude”. É o conceito que pretende clarificar o que constitui, por exemplo, um bom Director, mas também o que constitui uma vida humana boa. E para Aristóteles, uma vida humana boa é a vida virtuosa, significando isto uma vida vivida com excelência.

Não vos maçarei a reproduzir o raciocínio que conduziu Aristóteles a estas conclusões. Mas perdoar-me-ão que faça uma breve explicação sobre o tema, porque outra coisa não seria de esperar de uma professora...

Importa, então, sublinhar este aspecto: ser excelente, no sentido grego originário, é exercitar a virtude. Ser excelente é, portanto, um misto de comprometimento ético e de sabedoria prática.

Não há, pois, e em primeiro lugar, excelência sem ética. E não há ética sem envolvimento com os outros. A virtude aristotélica reconhece-se no seio da *polis*, no seio da comunidade.

Também por isso, e em segundo lugar, só encontramos a excelência no exercício da decisão equilibrada, fruto da experiência e do continuado trabalho comunitário.

A ideia do provérbio “No meio é que está a virtude” nasce aqui. Ter sabedoria prática significa aprender a encontrar o meio-termo entre dois polos de desmesura, entre o excesso e o defeito; significa saber fazer acompanhar as boas intenções pelas acções que correctamente as concretizam. Significa agir sem medo, mas também sem temeridade ou deslumbramento.

Em terceiro lugar, a excelência pressupõe a aprendizagem e a experiência. Não se trata de uma capacidade, nem de um sentimento, mas de uma disponibilidade para agir virtuosamente e de incorporar a excelência como um traço de carácter, portanto, duradouro. É por isso que é tão estranho e desajustado o actual modelo de avaliação de desempenho docente, quando pressupõe que ora se é excelente ora se deixa de o ser, ou que até se é, mas determina-se burocraticamente que, afinal, não se pode ser...

Mas retomando.

A experiência, precisamente, é algo que não falta a quem hoje vamos dar posse. Conforme ficou registado na acta do Conselho Geral, e cito, «a decisão de recondução [...] reflecte a confiança da comunidade educativa na sua prática de gestão, face a um percurso nem sempre fácil, alicerçada na sua vasta experiência, dedicação e conhecimento da área, bem como no carácter pragmático com que aborda os problemas do dia a dia e a sua permanente disponibilidade.»

Ainda assim, como sabemos, a aprendizagem nunca termina, mesmo depois de muitos anos de exercício. E a aprendizagem nunca termina, porque é o único caminho para o aperfeiçoamento, que o mesmo é dizer, para usar novamente um conceito muito caro a Aristóteles, para o *florescimento*. Para o florescimento da escola e, por extensão, dos nossos alunos.

Tentando sintetizar o conjunto de recomendações que o Conselho Geral deixou ao Director, proporei 4 eixos aglutinadores de aperfeiçoamento:

Avaliar, Planificar, Ouvir e Representar.

1. Avaliar, como condição de possibilidade para *agir*, concretizando os processos de auto-avaliação do Agrupamento, tanto no seu funcionamento como nas suas opções estratégicas.

2. Planificar, como condição de possibilidade para *cumprir*. Para cumprir prazos, objectivos e recomendações, com vista à resposta adequada às necessidades e problemas de todos.

3. Ouvir, como condição de possibilidade de *melhorar* e *evoluir*. Melhorar a fluidez de processos e de comunicação, acentuando a transparência; *escutando* para reconhecer as boas ideias onde quer que elas surjam.

4. Representar, como condição de possibilidade para *acolher* e *identificar*. Acolher diferentes culturas de escola e diferentes sensibilidades, no mesmo movimento em que se cria identidade, com rosto reconhecível.

Retornando ao início desta reflexão, julgo que aquilo que desejamos da escola — da escola como lugar de aprendizagem por excelência, que começa desde logo pela imersão dos alunos num ambiente valorativo — é, acima de tudo, que, a par do conhecimento, a escola seja capaz de promover a *democracia*, o *espírito crítico*, a *transparência*, a *cooperação*.

Se desejamos, porém, que estas não sejam apenas palavras vãs; se, enfim, preferimos Aristóteles a Platão, a única maneira de concretizarmos esse desiderato é pugnando por uma gestão que saiba encontrar, malgrado o constrangimento legal, os mecanismos de liderar colaborativamente.

É exigir muito? Talvez. Mas nada que não esteja ao alcance, como sabemos, de quem hoje aqui empossamos. Nada que não esteja ao alcance de quem saiba juntar à sabedoria pática a capacidade permanente de não se esquecer de que, antes de tudo, se é professor.

Caro Mateus,

Em meu nome e em nome de toda a comunidade educativa, desejo-te, e à tua equipa, as maiores felicidades para este novo mandato, para o qual, estou certa, poderás contar com a colaboração de todos os que aqui trabalham, em prol de todos os que aqui estudam.

Obrigada pelo trabalho passado, boa sorte para o do futuro!